

Os estereótipos de gênero do analista e sua incidência no rumo da cura

A noção de “estereótipo de gênero” agrupa o conjunto de atributos diferenciais com valor performativo que regulam a distribuição dos papéis masculino e feminino em cada cultura. Historicamente determinados, são por isso variáveis: ao longo do tempo, mas também – em uma perspectiva sincrônica – no interior dos diferentes segmentos que compõem o “todo” social. Nós, analistas, os abordamos como características do Ideal do eu: ou seja, aqueles valores e ideais que dão corpo ao roteiro simbólico que prescreve, para cada grupo de pertencimento, a forma particular de habitar o “universo” homem ou o “universo” mulher.

Os intensos debates sobre estes temas, promovidos nos últimos anos pelos movimentos feministas e pelas sexualidades dissidentes, tiveram o mérito de sacudir certezas e introduzir questões, também no interior do campo analítico. Assim, um número importante de analistas começou a se distanciar de preconceitos teóricos que orientaram classicamente nossa abordagem dessas situações clínicas.

É o caso – para a escola inglesa – da postulação de um núcleo psicótico no contexto da homossexualidade. Outro tanto poderíamos dizer – agora como efeito da difusão inicial do ensinamento de Lacan – da distinção estrita entre três estruturas (neurose, psicose e perversão), que confinava a homossexualidade no campo da perversão. Ambos axiomas constituíram durante décadas (para muitos colegas, ainda hoje) referências excludentes ao adentrar-se nesta clínica complexa.

Atualmente, estes postulados são objeto de intensas controvérsias. Entre os que seguimos a orientação lacaniana, lembremos a comoção (as réplicas ainda subsistem) suscitada pela intervenção de Paul Preciado no último congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). A intervenção de Jorge Reitter no último congresso da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) teve, em outra escala, ressonâncias parecidas.

São discussões nas quais se joga de forma privilegiada a revalidação da condição contemporânea de nossa disciplina. Ou seja, sua aptidão tanto para alojar as novas demandas que surgem dos mal-estares atuais como para continuar ocupando o lugar de interlocutor válido nos debates que atravessam nossa época.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

Com o pano de fundo destas questões em disputa, proponho-me abordar a incidência dos estereótipos de gênero *do analista* no rumo da cura. Revisarei, nessa perspectiva, testemunhos de analistas de diferentes regiões e épocas, com os que em muitos casos mantemos transferências que orientam nossa prática.

S. Mitchell: Implicação subjetiva e pontos cegos

Em primeiro lugar, vou compartilhar os traços marcantes de uma referência clínica de Stephen Mitchell (2017-2018) que discutimos há poucos meses¹ na Associação Psicanalítica Argentina (APA). Proponho-me fazê-la girar em torno de nosso eixo. O analista transmite as ressonâncias subjetivas que a consulta de George tem para ele, um paciente jovem que relaciona espontaneamente sua sintomatologia (dificuldades para concretizar o que insinua no campo profissional e em sua vida amorosa) com sua história infantil. Sua mãe morreu quando ele tinha cinco anos; seu pai ficou tão devastado e deprimido com a perda que não pôde cuidar adequadamente dele, o que sim fez sua tia, que se tornou uma figura materna cálida e protetora. O paciente comenta nessa primeira entrevista que, ainda que se sinta bem com Stephen, está praticamente decidido a começar sua análise com outra analista, mulher, com quem já teve várias entrevistas e se sentiu muito à vontade.

Mitchell nos transmite que se viu invadido pela sensação – não habitual nele – de que seu consultório era pouco vital e acolhedor, e que ele mesmo era pouco criativo e dificilmente poderia proporcionar intervenções suficientemente enriquecedoras para ajudar o paciente. E nos comenta que com certeza incidia nessas vivências o fato de que a história de George evocava a sua própria: ele também perdeu sua mãe, e também seu pai teve dificuldades para cuidá-lo depois da morte de sua mulher. E nos diz: percebi que boa parte do esforço que me demandaria o tratamento estaria relacionado com “minha luta por me reconectar com uma versão feminina e maternal de mim mesmo” (p. 123).

Um primeiro ponto para destacar é a não discriminação entre “feminina” e “maternal”. Uma indiscriminação que já colocaria em guarda nossas amigas feministas de hoje, atravessadas pela convicção de que a maternidade não esgota a problemática do desejo feminino. É uma tese que Lacan promoveu já no final da década de cinquenta e cuja originalidade é preciso considerar com o pano de fundo das vacilações de Freud a respeito, e pela distância que marca com afirmações categóricas como as de Marie Langer (1952/1976) em *Maternidade e sexo* (*Maternidad y sexo*): uma mulher não se realiza por completo se não pode experimentar a maternidade.

Mas a afirmação de Mitchell poderia surpreender também nossas feministas porque: Continua sendo sustentável a tese que atribui a função

1. Os ricos comentários de C. Nemirovsky, R. Spector e M. Toyos enfatizaram outros aspectos do texto de Mitchell.

de cuidado ao campo materno? E seguimos sustentando que “o materno” constitui um traço que é patrimônio excludente do gênero feminino? Ou se trata de uma função não necessariamente acoplada à posição sexuada de um sujeito?

É o que parece sugerir a clínica de casais homoparentais, gays e lésbicas. Mas também a de casais heteroparentais jovens: naqueles casos – é claro – nos quais a reformulação consensual da distribuição convencional de papéis se sustenta em algo mais que em um “dever ser” *aggiornado*. Apoiado nestas observações, um Hamlet atual poderia argumentar frente a nossos colegas ainda aferrados a estereótipos clássicos: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia...”

Interessa-me abordar as consequências que se desprendem da afirmação de Mitchell para o rumo da cura. É que poderia se conjecturar uma orientação muito diferente, caso se considerasse sua *implicação subjetiva*² com a demanda que habita o discurso de George. Seu testemunho permite supor que está sustentada em uma identificação com uma figura paterna frágil, com poucos recursos para elaborar um luto e enfrentar ao mesmo tempo o cuidado e a contenção de um filho que perdeu sua mãe. Diríamos que o encontro particular com a problemática de George confronta Mitchell com as inconsistências do pai que o habita como analista: inconsistências que, se fossem notadas, permitiriam que escutasse seu analisante sem os escotomas que lhe impõem seus “estereótipos de gênero”. Mais rigorosamente: desapegado de identificações paternas que perturbam a “afinação” de seu desejo de analista.

Recalcati e a idealização materna... ainda

As referências de Lacan à função materna e à função paterna não se detêm neste ponto de chegada – valioso, mas provisório – que são seus desenvolvimentos do seminário 5 (1957-1958/1999), os famosos três tempos de Édipo. É o ponto no qual costumam se deter seus críticos, e às vezes também alguns de seus comentaristas. Seus desenvolvimentos posteriores são muitos, e considero conveniente não os considerar complemento de suas primeiras aproximações: não conformam uma somatória que permita constituir uma totalidade sistemática, no estilo da *Summa Theológica*. Sim, podemos considerá-los suplementos, não necessariamente harmônicos, e que melhor poderiam evocar a figura do *patchwork*.

Um deles é “Nota sobre a criança” (Lacan, 1975/2012). Aí, Lacan se refere à função materna, destacando que “seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado”³ (p. 393). Indica a aptidão para alojar a singularidade insubstituível que constitui sua cria: os casos de hospitalismo (René Spitz) permitem constatar os estragos de um atendimento profissionalizado, tecnicamente impecável..., mas despojado de um desejo singularizado que o sustenta. Em casos não tão extremos, as formações reativas que rodeiam os cuidados “politicamente corretos” de um filho não desejado confirmam-no.

Alguns comentaristas de Lacan – Massimo Recalcati (2018) entre eles – consideram que esta disposição de alojar a singularidade irreduzível do filho é um atributo exclusivo do desejo materno. A função paterna, nesta perspectiva, estaria atravessada pela universalidade que envolve a relação com a Lei. De novo: o acoplamento rígido do materno e o singular, assim como do

paterno e o universal, parece mais um efeito dos estereótipos de gênero. Lacan destacou a articulação privilegiada do desejo *feminino* (não do materno) com o singular e do desejo *masculino* (não do paterno) com o universal: é o que emana das fórmulas da sexuação, e o conflito de Antígona com Creonte continua sendo uma referência privilegiada.

No mesmo texto (Lacan, 1975/2012), e em relação ao pai, diz-nos que “é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo.”⁴ (p. 393). Minha impressão é que aponta ao fato de que a Lei, sempre universal..., encarna-se de forma sofisticadamente singular no desejo (a “carne”) particular de cada pai. Trata-se de “uma” encarnação (entre as muitas possíveis) que determina – parafraseando Lacan – que o universal da Lei condescenda a um desejo singular, e também singularizante. Poderíamos dizer que quanto mais singular é o desejo que se coloca em jogo, mais singularizante é em seu rumo ao objeto. Ou seja: tanto mais se afasta da condição anônima e impessoal que enuncia um “Deseja-se”, equiparável ao “Cuidam-se de crianças” que supomos no contexto do hospitalismo.

A insistência de Recalcati (2018) no “interesse particularizado” pelo próprio filho como uma “lição da maternidade, que é a lição de alguns cuidados que prescindem da Lei do universal [...] e recuperam a centralidade do traço singular” (pp. 82-83), parece, portanto, beber – ainda – no terreno da idealização da mãe. É um topos retórico que participa dos estereótipos de gênero transmitidos pelo discurso religioso, como muito bem desenvolve o autor em um dos capítulos..., sem por isso ficar eximido de seus efeitos. É uma prova mais de que a posição subjetiva de cada um vai muito mais além das convicções egóicas, por enfáticas que estas sejam.

A novela *A filha perdida (La hija oscura)*, de Elena Ferrante (2006/2018), recentemente levada ao cinema por Maggie Gyllenhaal (2021), capta, em contrapartida, com sutileza, a faceta “escura” da maternidade que a idealização tende a desmentir e que a ideologia dominante tende a confinar na patologia para preservar a integridade dos estereótipos que sustenta.

É o que aponta cruamente, também, a pesquisa de Hugo Tórrez Pinto no marco de um estudo patrocinado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, por suas siglas em inglês): *Violência contra a infância em Bolívia (Violencia contra la niñez en Bolivia)* (2007). Tórrez Pinto estima que 80% das crianças da Bolívia recebe castigos violentos de diferentes membros da família, com predomínio das mães em relação aos pais, em uma proporção *quatro vezes maior*, e detalha que empregam pancadas com chicotes, correias, paus, mangueiras, cordas; dando socos, pontapés; jogando-lhes água, etc. (pp. 49-50).

2. Seguindo Lacan, prefiro esta denominação à clássica de “contratransferência” (Cabral, 2009).

3. N. do T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução se corresponde com p. 369 de: Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975).

4. N. do T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução se corresponde com p. 369 de: Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975).

O peso da *Zeitgeist* em W. e M. Baranger, e em J. Lacan

As referências a M. Langer, a S. Mitchell e a M. Recalcati já permitem refletir até que ponto nossos estereótipos de gênero podem condicionar as abordagens destas problemáticas. Isto é endossado por uma releitura com perspectiva contemporânea de alguns desenvolvimentos de Willy e Madé Baranger em torno do baluarte.

Em um dos seus textos, os autores (M. Baranger e W. Baranger, 1961-1962/s. d.) afirmam:

O analista pode intervir eficientemente nele [o campo] quando o analisando “se entrega”. [...] O baluarte foi descrito na literatura, principalmente em relação aos pacientes homossexuais ou perversos em geral: querem colocar em jogo tudo, exceto sua atividade perversa, fonte de gratificações extremamente valiosas. (p. 20)

No contexto atual, resulta clara a patologização que o texto transmite da posição homossexual, considerada uma variante particular da perversão. O mesmo ocorre com a promoção da “classe” de “os” homossexuais: como se existisse uma forma “única” de habitar essa orientação sexual. Hoje nos resultaria chamativa também, por seu viés normatizante, a convicção de que, como efeito da cura..., “os” homossexuais (se tivessem a amabilidade de “colocar em jogo” sua “atividade perversa”) poderiam modificar sua escolha de gozo.

Resulta surpreendente a semelhança destas asseverações de Willy e Madé com as que Lacan apresenta na última parte de sua aula de 29 de janeiro de 1958 (1957-1958/1999). Se for relido com atenção, poderá se observar que, nesse momento de seu ensinamento, também Lacan participa da ilusão de construir a categoria “os” homossexuais e compartilha a tese do “aferramento” à sua posição de gozo: “O que a clínica mostra a propósito dos homossexuais [...] é o fato de [o sujeito] se apegar extremamente à citada posição.”⁵ (p. 313). E tenta ao longo da aula desentranhar as razões pelas quais “sua posição veio a se tornar preciosa e primordial para ele”⁶ (p. 215).

Hoje poderíamos dizer, sorridentemente, que “o” homossexual se aferra às suas condições de gozo com uma determinação semelhante àquela pela qual “o” heterossexual se aferra às próprias..., ainda que a clínica contemporânea, em particular com adolescentes, mostra com muita frequência posicionamentos oscilantes, que em outras épocas tendiam a ser objeto da repressão e ficavam confinados no inconsciente. O mesmo Lacan apontava esta observação em uma de suas primeiras leituras do caso Dora (1951/1980), ao abordar seu vínculo passional com a senhora K.

Mas fica a pergunta: alojamos genuinamente no dispositivo “os” homossexuais quando nos propomos a “curá-los” de sua orientação sexual? Ou sucumbimos a um *furor curandis* que faria as delícias da crítica de Foucault quando recriminava nossa disciplina pela condição de “prática disciplinante”?⁷

5. N. do T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução se corresponde com p. 214 de: Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).

6. N. do T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução se corresponde com p. 215 de: Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).

7. No momento de escrever estas linhas, o Parlamento da França aprovou por unanimidade a proibição das chamadas *terapias de conversão* para pessoas LGBT+. A nova lei estabelece que quem tiver como objetivo “modificar ou reprimir a orientação sexual ou a identidade de gênero” (a França proibiu por lei as “terapias de reorientação” sexual, 25 de janeiro de 2022, par. 2) e que afetem a saúde física ou mental das pessoas será castigado com até dois anos de prisão e 34.000 dólares em multas. A pena pode aumentar para três anos de reclusão e sanções econômicas de 50.000 dólares por práticas que envolvam menores ou outras pessoas vulneráveis. A sanção da norma coloca em evidência que ainda se continua apelando para esse tipo de tratamentos, equiparando a orientação sexual a uma doença. “Nada que curar” (par. 6), destacou a deputada feminista Laurence Vanceunbrock.

Desafios para a formação, e a tendência a “segmentar” a clínica

Estas observações sugerem que também os analistas mais sagazes podem ser condicionados em suas abordagens pelo efeito residual de “uma identificação indevida”⁸, aquela “que ninguém está isento”... (Lacan, 1964-1965/s. d., p. 98), muito mais quando circulam avalizadas por estereótipos que participam do *Zeitgeist* (“espírito da época”).

Logicamente que fazer uma desclassificação *in totum* de textos como os que invocamos seria incorrer em um anacronismo: uma fonte que nutre os excessos da “cultura do cancelamento”. Seria também unilateral, porque estamos colocando o foco de forma excludente em *um* aspecto entre os muitos que fazem a riqueza que conservam.

Mas – por outro lado – nossos mestres merecem outro destino que o das leituras religiosas, *sub specie aeternatis*, que, em troca de uma ilusória indenidade frente à passagem do tempo..., os condenem à condição de peças de museu. É uma ilusão que participa de uma posição reverencial, subsistente em alguns colegas, que conspira contra os esforços para renovar a necessária condição contemporânea de nossa disciplina.

Seja como for, é um fato que cada vez mais os analistas assumimos hoje os desafios teórico-clínicos implicados no desejo de alojar no dispositivo as novas demandas que surgem, por exemplo, das novas formas de ser pai e de ser mãe. São desenhos que se cruzam, mas não se sobrepõem, com as também novas formas de habitar as posições sexuadas que atravessam as subjetividades de hoje e que fazem explodir a clássica distinção binária de gêneros.

Neste contexto, tenho algumas dúvidas a respeito da denominação “analistas com perspectiva de gênero”, que para alguns colegas parece recortar um traço diferencial de sua prática. Minha impressão é que não é conveniente contribuir para a “compartimentalização” de nossa clínica nem à proliferação de “especialidades” que a segmentem. Ainda mais, tratando-se das posições de gozo e das identificações de gênero de quem nos consulta, que constituem aspectos nucleares de *toda* experiência analítica.

Os testemunhos que invocamos, mostram, ao mesmo tempo, que *todos* os analistas trabalhamos em nossa clínica, atravessados pela própria perspectiva de gênero (Wald, 2019). Mais ainda: “somos trabalhados” por seus estereótipos. Muito mais quanto menos advertidos estejamos das identificações e das posições de gozo que a condicionam. Na medida em que nossa própria análise permitiu reduzir o poder de orientação desses roteiros inconscientes, ela determina – em última instância – nossa intolerância ou, ao contrário, nossa disposição de alojar a singularidade das escolhas de gozo de nossos analisantes.

8. N. do T.: Tradução de I. Corrêa. A tradução se corresponde com p. 225 de: Lacan, J. (2006). *O seminário, livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise*. Centro de Estudos Freudianos de Recife. (Trabalho original publicado em 1964-1965).



É por isso que o propósito de incluir na formação analítica estas problemáticas requer muito mais que o desenho de um plano de seminários *aggiornado*, que incorpore uma bibliografia atualizada. Supõe assumir que estas novas demandas colocam à prova a disposição genuína de cada analista para alojar o diferente, sem rejeitá-lo nem patologizá-lo. Para dizer nos termos de Lacan (1964/1987), é uma clínica que requer uma atualização do desejo do analista como “um desejo de obter a diferença absoluta”⁹ (p. 279): uma meta que excede a condição *open mind* que oferecem as boas leituras.

O analista frente às demandas de redesignação de gênero: Plasticidade e firmeza da vida erótica

São conhecidas as problemáticas jurídicas, éticas e médicas que suscitam cada vez mais as conhecidas demandas de redesignação de gênero. Confrontados a elas, é conveniente que nós, os analistas, resistamos à tentação de ocupar o lugar a que às vezes somos convocados: o de supostos “especialistas” em sexualidade, com direito e aptidão para emitir sentenças definitivas. O que sim podemos oferecer (e claro que é muito) é um espaço de intimidade para que o sujeito possa tentar um escrutínio genuíno, o mais exaustivo possível, de seu desejo e de suas posições de gozo... para poder “escolher”, se quiser, o que desejar (Cabral, 2020).

9. N. do T.: Tradução de M. D. Magno. A tradução se corresponde com p. 260 de: Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).

Isto supõe para o analista estar suficientemente informado, tanto da plasticidade e variabilidade do desejo em sua vertente metonímica (simbólico-imaginária), como do peso das “invariáveis relativas” que em cada um fixam as posições de gozo e a vertente real do próprio desejo. A cura analítica pode acompanhar o sujeito até o limite de sua escolha, que sempre será *nachträglich*. Ou seja, nunca *a priori*: nem ditada pelas demandas iniciais do eventual analisante nem muito menos pelos preconceitos ou escolhas próprias do analista. O seguinte “relato” pode resultar ilustrativo.

No transcurso de uma Jornada convocada em Paris, em 2003, conjuntamente pela École Lacanienne de Psychanalyse (ELP) e pelo Centro de Ajuda, Pesquisa e Informação sobre a Transexualidade e a Identidade de Gênero (Caritig, por suas siglas em francês) J. Allouch (2 de novembro de 2005) encerrou sua comunicação – conceitualmente rica, além de autocrítica – transcrevendo um testemunho de P. Califia.

Reparemos no “P” que antecede o sobrenome. Ao longo da vida de Califia, o P corresponde primeiro a Patrícia (seu nome no momento do relato), depois a Pat e atualmente a Patrick: três nomes que subscrevem uma obra múltipla, que constitui a faceta teórica de uma figura relevante do ativismo *queer*. Deixo aberta a questão se a homogeneidade que permite o P traduz a unicidade de uma obra (é minha impressão) ou se promove uma imposição que dilui as diferenças que imprimem identidades heterogêneas. Em outras palavras: as sucessivas identidades de gênero deixam sua marca singular na autoria? É uma questão que pode problematizar as reflexões de Foucault em torno do que é um autor.

Mas vamos ao relato:

Derrubar os preconceitos é o trabalho de toda uma vida. Recentemente tive uma experiência muito educativa. Descobri que uma das senhoras com quem convivía há um longo tempo era transgênero. Esse descobrimento me deu pena, pois gosto de acreditar que meu sistema “radar” localiza bem tanto os *trans* como os *gays*. Ela não tinha a intenção de mentir para mim: pensava que eu já sabia. Devido a tudo o que tinha feito para me informar sobre a transexualidade, pensei que isso não faria nenhuma diferença. Mas fiquei surpreendida [em feminino; este relato é do tempo que Patrick era Patrícia, e se definia como lésbica] ao vê-la de forma diferente. De repente, suas mãos me pareciam grandes demais, seu nariz era estranho. E o que dizer de seu pomo de adão? Não tinha uma voz um pouco grave para uma mulher? Não era terrivelmente autoritária, exatamente como um homem? E, meu Deus, como seus antebraços eram peludos! Quando me surpreendi pensando isso, sorri, ainda que tivesse um pouco de tristeza em meu sorriso. A transfobia é muito difícil de erradicar. O gênero não é somente um problema teórico ou político. De todos os assuntos “pessoais então políticos”, esse é o mais pessoal de todos. O medo dos transexuais está, em cada um, diretamente ligado ao medo do seu “eu” do sexo oposto. (par. 15)

A franqueza do testemunho de Califia permite algumas reflexões. Aceitemos por um momento que a cena ativou e colocou em evidência o peso do que denomina seus “preconceitos”, até então subestimado. Resultam claros, então, os limites da “informação” que oferecem as boas leituras. É que os preconceitos para os analistas, no enraizamento inconsciente do ideal, requerem algo mais que bons argumentos para que possam ser desmontados. A eficácia esclarecedora da informação encontra seu limite no ponto exato no qual começa a moldar o inconsciente, onde se abre o espaço ao poder transformador da cura analítica.

Mas o repúdio frente à evidência de uma voz grave e “terrivelmente” autoritária (“como a de um homem”) e frente ao descomedimento do tamanho das mãos, e o “meu Deus” angustiado que surge frente a uns antebraços “peludos”... carregam necessariamente “transfobia” ou podem também ser indicadores de que as posições de gozo de Patrícia (as *Liebesbedingung* freudianas) impõem suas condições e fixam seus limites no momento de definir com quem *sim* e com quem *não* vai para a cama?

Talvez onde Patrícia (também Allouch?) registra apenas “preconceitos”, trata-se na verdade da rigidez da cilada que estabelece as próprias condições de gozo para cada pessoa. É a objeção que – em minha opinião – eleva a experiência psicanalítica frente à pretensão voluntarista de mudar de gênero com a mesma facilidade com que se muda de camisa (Judith Butler). Em uma importante conferência ditada em 2022, na Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Fernando Orduz (18 de fevereiro de 2022) sustentou com ênfase, na discussão que se seguiu, uma posição muito próxima à intelectual e ativista *queer*. Contribuiu assim para instalar um debate que nos interpela.

Retomando nessa perspectiva a questão que deixamos aberta: ocorrerá com as posições de gozo o mesmo que com o estilo¹⁰ de cada um, que parece se manter estável além das mudanças de gênero pela qual tenta transitar – por exemplo – o autor? Poderíamos aqui reformular a sentença de Bismarck, já parafraseada por Freud: a posição de gozo (não o sexo anatômico) é o destino.

Diante das demandas de redesignação de gênero, o analista pode contribuir para que o sujeito faça uma escolha suficientemente consciente da plasticidade, mas também dos limites que sua estrutura subjetiva lhe permite. Apostamos, como sempre, que o sujeito com suas escolhas expanda as chances de uma vida habitável, *que mereça ser vivida*, e restrinja ao mesmo tempo a sedução tanática que pode retê-lo em (ou encaminhá-lo a) uma vida insuportável.

Resumo

Aborda-se a incidência dos estereótipos de gênero *do analista* no rumo da cura. A análise de testemunhos clínicos de colegas de diferentes orientações (Mitchell, Recalcati, Lacan, M. e W. Baranger) permite destacar os escotomas que estes estereótipos podem condicionar ao promover “identificações indevidas” que comprometam a posição do analista, muito mais quanto ele opere menos consciente de sua existência. A análise de um testemunho do teórico *queer*, P. Califia é usada para destacar os limites que as condições de gozo traçam à plasticidade da vida erótica e, portanto, à pretensão voluntarista de mudar ilimitadamente de gênero (Judith Butler).

Palavras-chave: *Identificação, Desejo do analista. Candidata a palavra-chave: Estereótipos de gênero.*

10. Lembremo-nos da sentença de Buffon que gostava de evocar Lacan (1966/2003): “O estilo é o próprio homem” (p. 3) [*Le style c'est l'homme même*]: o estilo não pode ser roubado nem transportado. N. do T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução se corresponde com p. 9 de: Lacan, J. (1999). *Escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Abstract

The analysis of clinical testimonies of colleagues of different orientations (Mitchell, Recalcati, Lacan, M. & W. Baranger) allows highlighting the scotomas that stereotypes can condition, by promoting “improper identifications” that compromise the analyst’s position. All the more so, as the analyst operates less aware of their existence. The analysis of a testimony by the queer theoretician P. Califia is used to highlight the limits that the conditions of jouissance draw to the plasticity of erotic life, and therefore to the voluntarist claim to unlimited gender change (Judith Butler).

Keywords: *Identification, Analyst’s desire. Candidate to keyword: Gender stereotypes.*

Referências

- Allouch, J. (2 de novembro de 2005). Avergonzados. *elsigma.com*. <https://www.elsigma.com/columnas/avergonzados/8670>
- Baranger, M. e Baranger, W. (s. d.). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis (On-line)*. <http://publicaciones.apuruguay.org/index.php/rup/article/view/792/654> (Trabalho original publicado em 1961-1962).
- Cabral, A. (2009). *Lacan y el debate sobre la contratransferencia*. Letra Viva.
- Cabral, A. (2020). *El perdón y sus límites*. Teseo.
- Ferrante, E. (2018). *La hija oscura*. Lumen. (Trabalho original publicado em 2006).
- Francia prohibió por ley las “terapias de reorientación” sexual (25 de janeiro de 2022). *Página 12*. <https://www.pagina12.com.ar/397583-francia-prohibio-por-ley-las-terapias-de-reorientacion-sexua>
- Gyllenhaal, M. (diretora) (2021). *A filha perdida* [filme]. Endeavor Content, Pie Films, Samuel Marshall, In the Current, Faliro House.
- Lacan, J. (1980). Intervención sobre la transferencia. Em J. Lacan, *Escritos 1*, Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1951).
- Lacan, J. (1987). *El seminario de Jacques Lacan, libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1999). Clase del 29/1/1958. Em J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan, libro 5: Las formaciones del inconsciente*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2003). Obertura de esta recopilación. Em T. Segovia e A. Suárez (trad.), *Escritos 1* (pp. 3-4). Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2012). Nota sobre el niño. Em J. Lacan, *Otros escritos*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1975).
- Lacan, J. (s. d.). Clase del 17 de marzo de 1965. Em J. Lacan, *Seminario 12: Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Escuela Freudiana de Buenos Aires. <https://e-diccionessjustine-elp.net/wp-content/uploads/2019/10/Problemas-cruciales-para-el-psicoana%CC%81lisis.pdf> (Trabalho original publicado em 1964-1965).
- Langer, M. (1976). *Maternidad y sexo*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1952).
- Mitchell, S. A. (2017-2018). La aparición de características de la vida del analista. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 21-22, 119-126.
- Orduz, F. (18 de fevereiro de 2022). *Cuerpo trans (10 hipótesis)*. Conferência ditada no ciclo Vozes Internas & Vozes Externas de la Sociedade Portuguesa de Psicanálise.
- Recalcati, M. (2018). *Las manos de la madre*. Anagrama.
- Tórrez Pinto, H. (2007). *Violencia contra la niñez en Bolivia*. Ine-Unicef.
- Wald, A. (2019). El psicoanálisis en un mundo plural. *Docta*, 14.

Recebido: 18/03/2022 - Aprovado: 18/04/2022

Tradução do espanhol: Schirlei Schuster